

Papa Francisco

Louvado Sejas

CARTA ENCÍCLICA

LAUDATO SI'

DO
SANTO PADRE FRANCISCO

SOBRE O CUIDADO DA CASA COMUM

2ª edição



EDITORIAL A.O.

Na Capa

Foto: Danny Froese

Capa

Francisca Cardoso

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal nº

400972/15

ISBN

978-972-39-0800-8

2ª edição

Novembro de 2015

Com todas as licenças necessárias

©

**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA

Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441

www.apostoladodaoracao.pt / livros@snao.pt



LAUDATO SI': UM «GUIA»

Este texto oferece um instrumento de suporte para uma primeira leitura da Encíclica, ajudando a compreender o seu desenrolar na totalidade e a identificar as linhas principais. As primeiras páginas apresentam a *Laudato si'* na sua globalidade; depois, apresenta-se cada capítulo, indica-se o seu objetivo e reproduzem-se alguns trechos significativos. Os números entre parêntesis remetem para os parágrafos da Encíclica.

Um olhar por inteiro

«Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer?» (160). Esta pergunta é o âmago da *Laudato si'*, a esperada Encíclica do Papa Francisco sobre o cuidado da casa comum. Que prossegue: «Esta pergunta não toca apenas o meio ambiente de maneira isolada, porque não se pode pôr a questão de forma fragmentária», e isso conduz a interrogar-se sobre o sentido da existência e sobre os valores que estão na base da vida social: «Para que viemos a esta vida? Para que trabalhamos e lutamos? Que necessidade tem de nós esta terra?»: «Se não pulsa nelas esta pergunta de fundo – diz o Pontífice – não creio que as nossas preocupações ecológicas possam alcançar efeitos importantes».

O nome da Encíclica foi inspirado na invocação de São Francisco «Louvado sejas, meu Senhor», que no Cântico das Criaturas recorda que a terra, a nossa casa comum, «se pode comparar, ora a uma irmã, com quem

partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços» (1). «Nós mesmos somos terra (cf. *Gn* 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do Planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos» (2).

Agora, esta terra maltratada e saqueada lamenta-se e os seus gemidos unem-se aos de todos os abandonados do mundo. O Papa Francisco convida a ouvi-los, exortando todos e cada um – indivíduos, famílias, coletividades locais, nações e comunidade internacional – a uma «conversão ecológica», segundo a expressão de São João Paulo II, isto é, a «mudar de rumo», assumindo a beleza e a responsabilidade de um compromisso para o «cuidado da casa comum». Ao mesmo tempo, o Papa Francisco reconhece que se nota «uma crescente sensibilidade relativamente ao meio ambiente e ao cuidado da natureza, e cresce uma sincera e sentida preocupação pelo que está a acontecer ao nosso planeta» (19), legitimando um olhar de esperança que permeia toda a Encíclica e envia a todos uma mensagem clara e repleta de esperança: «A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum» (13); «o ser humano ainda é capaz de intervir de forma positiva» (58); «nem tudo está perdido, porque os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se» (205).

O Papa Francisco dirige-se certamente aos fiéis católicos, retomando as palavras de São João Paulo II: «os cristãos, em particular, advertem que a sua tarefa no seio da criação e os seus deveres em relação à natureza e ao Criador fazem parte da sua fé» (64), mas propõe-se

«especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum» (3): o diálogo percorre todo o texto e, no capítulo 5, torna-se o instrumento para enfrentar e resolver os problemas. Desde o início, o Papa Francisco recorda que também «noutras Igrejas e Comunidades cristãs – bem como noutras religiões –, se tem desenvolvido uma profunda preocupação e uma reflexão valiosa» sobre o tema da ecologia (7). Ou melhor, assume explicitamente a sua contribuição a partir do que foi dito pelo «amado Patriarca Ecuménico Bartolomeu» (7), amplamente citado nos nn. 8-9. Em vários trechos, o Pontífice agradece aos protagonistas deste esforço – seja indivíduos, seja associações ou instituições –, reconhecendo «a reflexão de inúmeros cientistas, filósofos, teólogos e organizações sociais que enriqueceram o pensamento da Igreja sobre estas questões» (7), e convida todos a reconhecerem «a riqueza que as religiões possam oferecer para uma ecologia integral e o pleno desenvolvimento do género humano» (62).

O itinerário da Encíclica é traçado no n. 15 e desenvolve-se em seis capítulos. Passa-se de uma análise da situação a partir das melhores aquisições científicas hoje disponíveis (capítulo 1), ao confronto com a Bíblia e a tradição judaico-cristã (capítulo 2), identificando a raiz dos problemas (capítulo 3) na tecnocracia e num excessivo fechamento autorreferencial do ser humano. A proposta da Encíclica (capítulo 4) é a de uma «ecologia integral, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais» (137), indissolivelmente ligadas com a questão ambiental. Nesta perspetiva, o Papa Francisco propõe (capítulo 5) empreender em todos os níveis da vida social, económica e política

um diálogo honesto, que estructure processos de decisão transparentes, e recorda (capítulo 6) que nenhum projeto pode ser eficaz se não for animado por uma consciência formada e responsável, sugerindo ideias para crescer nesta direção no âmbito educativo, espiritual, eclesial, político e teológico. O texto termina com duas orações, uma oferecida à partilha com todos os que acreditam num «Deus Criador Onnipotente» (246), e outra proposta aos que professam a fé em Jesus Cristo, ritmada pelo refrão «Laudato si'», com o qual a Encíclica se abre e se conclui.

O texto é atravessado por alguns eixos temáticos, analisados por uma variedade de perspetivas diferentes, que lhe conferem uma forte unidade: «a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do Planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descartar e a proposta de um novo estilo de vida» (16).

Primeiro capítulo

O QUE ESTÁ A ACONTECER À NOSSA CASA

O capítulo apresenta as mais recentes aquisições científicas em matéria ambiental como modo de ouvir o grito da criação, «transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo e, assim, reconhecer a con-

tribuição que cada um lhe pode dar» (19). Enfrentam-se assim «vários aspetos da atual crise ecológica» (15).

As mudanças climáticas: «As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, económicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade» (25). Se «o clima é um bem comum, um bem de todos e para todos» (23), o impacto mais pesado da sua alteração recai sobre os mais pobres, mas muitos «daqueles que detêm mais recursos e poder económico ou político parecem concentrar-se sobretudo em mascarar os problemas ou ocultar os seus sintomas» (26): «a falta de reações diante destes dramas dos nossos irmãos e irmãs é um sinal da perda do sentido de responsabilidade pelos nossos semelhantes, sobre o qual se funda toda a sociedade civil» (25).

A questão da água: O Pontífice afirma claramente que «o acesso à água potável e segura é um direito humano essencial, fundamental e universal, porque determina a sobrevivência das pessoas e, portanto, é condição para o exercício dos outros direitos humanos». Privar os pobres do acesso à água significa «negar-lhes o direito à vida radicado na sua dignidade inalienável» (30).

A preservação da biodiversidade: «Anualmente, desaparecem milhares de espécies vegetais e animais que já não poderemos conhecer mais, que os nossos filhos não poderão ver, perdidas para sempre» (33). Não são somente eventuais “recursos” exploráveis, mas têm um valor em si mesmas. Nesta perspectiva, «são louváveis e, às vezes, admiráveis os esforços de cientistas e técnicos que procuram dar solução aos problemas criados pelo ser humano», mas a intervenção humana, quando se coloca ao serviço da

finança e do consumismo, «faz com que esta terra onde vivemos se torne realmente menos rica e bela, cada vez mais limitada e cinzenta» (34).

A dívida ecológica: No âmbito de uma ética das relações internacionais, a Encíclica indica que existe «uma verdadeira “dívida ecológica”» (51), sobretudo do Norte em relação ao Sul do mundo. Diante das mudanças climáticas, existem «responsabilidades diversificadas» (52), e as dos países desenvolvidos são maiores.

Consciente das profundas divergências quanto a essas problemáticas, o Papa Francisco mostra-se profundamente impressionado com a «fraqueza das reações» diante dos dramas de tantas pessoas e populações. Embora não faltem exemplos positivos (58), sinaliza «um certo torpor e uma alegre irresponsabilidade» (59). Faltam uma cultura adequada (53) e a disponibilidade em mudar estilos de vida, produção e consumo (59), enquanto é urgente «criar um sistema normativo [...] que inclua limites invioláveis e assegure a proteção dos ecossistemas» (53).

Segundo capítulo

O EVANGELHO DA CRIAÇÃO

Para enfrentar as problemáticas ilustradas no capítulo precedente, o Papa Francisco relê as narrações da Bíblia, oferece uma visão global oriunda da tradição judaico-cristã e articula a «tremenda responsabilidade» (90) do ser humano diante da criação, o elo íntimo entre todas as criaturas e o facto de que «o meio ambiente é

um bem coletivo, património de toda a humanidade e responsabilidade de todos» (95).

Na Bíblia, «o Deus que liberta e salva é o mesmo que criou o universo. [...] n'Ele se conjugam o carinho e a força» (73). A narração da criação é central para refletir sobre a relação entre o ser humano e as outras criaturas e sobre como o pecado rompe o equilíbrio de toda a criação no seu conjunto: «Essas narrações sugerem que a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra. Segundo a Bíblia, essas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós. Esta rutura é o pecado» (66).

Por isso, mesmo se nós, «cristãos, algumas vezes interpretámos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do facto de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas» (67). Ao ser humano cabe a responsabilidade de «cultivar e guardar» o jardim do mundo (cfr. *Gn* 2, 15)» (67), sabendo que «o fim último das restantes criaturas não somos nós. Mas todas avançam, juntamente connosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus» (83).

Que o ser humano não seja o dono do universo, «não significa igualar todos os seres vivos e tirar ao ser humano aquele seu valor peculiar» que o caracteriza; «também não requer uma divinização da terra, que nos privaria da nossa vocação de colaborar com ela e proteger a sua fragilidade» (90). Nesta perspetiva, «todo o encarniçamento contra qualquer criatura “é contrário à dignidade humana”» (92), mas «não pode ser autêntico um sentimento de união ín-

tima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos» (91). Necessita-se da consciência de uma comunhão universal: «criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, [...] que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde» (89).

O coração da revelação cristã conclui o capítulo: «Jesus terreno» com a «sua relação tão concreta e amorosa com o mundo», «ressuscitado e glorioso», está «presente em toda a criação com o seu domínio universal» (100).

Terceiro capítulo

A RAIZ HUMANA DA CRISE ECOLÓGICA

Este capítulo apresenta uma análise da situação atual, «de modo a individuar não apenas os seus sintomas, mas também as causas mais profundas» (15), num diálogo com a filosofia e as ciências humanas.

Um primeiro fulcro do capítulo são as reflexões sobre a tecnologia: é reconhecida, com gratidão, a sua contribuição para o melhoramento das condições de vida (102-103); todavia, ela oferece «àqueles que detêm o conhecimento e sobretudo o poder económico para o desfrutar, um domínio impressionante sobre o conjunto do género humano e do mundo inteiro» (104). São precisamente as lógicas de domínio tecnocrático que levam a destruir a natureza e explorar as pessoas e as populações mais vulneráveis. «O paradigma tecnocrático tende a exercer o seu domínio também sobre a economia e a

política» (109), impedindo de reconhecer que «o mercado, por si mesmo, [...] não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social» (109).

Na raiz diagnostica-se na época moderna um excesso de antropocentrismo (116): o ser humano não reconhece mais a sua correta posição em relação ao mundo e assume uma posição autorreferencial, centrada exclusivamente em si mesmo e no próprio poder. Daí deriva uma lógica do «descartável» que justifica todo o tipo de descarte, ambiental ou humano que seja, que trata o outro e a natureza como um simples objeto e conduz a uma miríade de formas de dominação. É a lógica que leva a explorar as crianças, a abandonar os idosos, a reduzir os outros à escravidão, a superestimar a capacidade do mercado de se autorregular, a praticar o tráfico de seres humanos, o comércio de peles de animais em risco de extinção e de “diamantes ensanguentados”. É a mesma lógica de muitas máfias, dos traficantes de órgãos, do tráfico de drogas e do descarte de crianças porque não correspondem ao desejo dos seus pais. (123)

Nesta luz, a encíclica aborda duas questões cruciais para o mundo de hoje. Antes de tudo, o trabalho: «Em qualquer abordagem de ecologia integral que não exclua o ser humano, é indispensável incluir o valor do trabalho» (124), bem como «renunciar a investir nas pessoas para se obter maior receita imediata é um péssimo negócio para a sociedade» (128).

A segunda diz respeito aos limites do progresso científico, com clara referência aos OGM (132-136), que são «uma questão de caráter complexo» (135). Apesar de, «em algumas regiões, a sua utilização ter pro-

duzido um crescimento económico que contribuiu para resolver determinados problemas, há dificuldades importantes que não devem ser minimizadas» (134), a partir da «concentração de terras produtivas nas mãos de poucos» (134). O Papa Francisco pensa em particular nos pequenos produtores e trabalhadores rurais, na biodiversidade, na rede de ecossistemas. É, portanto, preciso assegurar «um debate científico e social que seja responsável e amplo, capaz de considerar toda a informação disponível e chamar as coisas pelo seu nome», a partir de «linhas de pesquisa autónomas e interdisciplinares que possam trazer nova luz» (135).

Quarto capítulo

UMA ECOLOGIA INTEGRAL

O coração da proposta da Encíclica é a ecologia integral como novo paradigma de justiça; uma ecologia «que integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o circunda» (15). De facto, «isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida» (139). Isto vale para todos, mesmo que vivamos em diferentes campos: na economia e na política, nas diversas culturas, em particular nas mais ameaçadas, e até mesmo em cada momento da nossa vida quotidiana.

A perspetiva integral põe em jogo também uma ecologia das instituições: «Se tudo está relacionado, também o estado de saúde das instituições de uma sociedade tem consequências no ambiente e na qualidade de vida hu-

mana: “toda a lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais”» (142). Com muitos exemplos concretos, o Papa Francisco reafirma o seu pensamento: há uma ligação entre questões ambientais e questões sociais e humanas que nunca pode ser rompida. Assim, «a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos, e da relação de cada pessoa consigo mesma» (141), pois «não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental» (139).

Esta ecologia integral «é inseparável da noção de bem comum» (156), a ser entendida, no entanto, de modo concreto: no contexto de hoje, no qual «há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais», comprometer-se pelo bem comum significa fazer escolhas solidárias com base numa «opção preferencial pelos mais pobres» (158). Esta é também a melhor maneira de deixar um mundo sustentável às gerações futuras, não com discursos, mas através de um compromisso de cuidado dos pobres de hoje, como já havia sublinhado Bento XVI: «para além da leal solidariedade entre as gerações, há que reafirmar a urgente necessidade moral de uma renovada solidariedade entre os indivíduos da mesma geração» (162).

A ecologia integral envolve também a vida diária, à qual a Encíclica reserva uma atenção específica, em particular em ambiente urbano. O ser humano tem uma grande capacidade de adaptação e «admirável é a criatividade e generosidade de pessoas e grupos que são capazes de dar a volta às limitações do ambiente, [...] aprendendo a orientar a sua existência no meio da desordem e precariedade» (148).

No entanto, um desenvolvimento autêntico pressupõe um melhoramento integral na qualidade da vida humana: espaços públicos, moradias, transportes, etc. (150-154).

Também «o nosso corpo nos põe em relação direta com o meio ambiente e com os outros seres vivos. A aceitação do próprio corpo como dom de Deus é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como dom do Pai e casa comum; pelo contrário, uma lógica de domínio sobre o próprio corpo transforma-se numa lógica, por vezes subtil, de domínio sobre a criação» (155).

Quinto capítulo

ALGUMAS LINHAS DE ORIENTAÇÃO E AÇÃO

Este capítulo aborda a pergunta sobre o que podemos e devemos fazer. As análises não são suficientes: são necessárias propostas «de diálogo e de ação que envolvem seja cada um de nós seja a política internacional» (15), e «que nos ajudem a sair da espiral de autodestruição onde nos estamos a afundar» (163). Para o Papa Francisco é imprescindível que a construção de caminhos concretos não seja enfrentada de modo ideológico, superficial ou reducionista. Por isso, é indispensável o diálogo, termo presente no título de cada secção deste capítulo: «Há discussões sobre questões relativas ao meio ambiente, onde é difícil chegar a um consenso. [...] a Igreja não pretende definir as questões científicas, nem substituir-se à política, mas [eu] convido a um debate honesto e transparente para que as necessidades particulares ou as ideologias não lesem o bem comum» (188).

Com esta base, o Papa Francisco não tem medo de fazer um julgamento severo sobre as dinâmicas internacionais recentes: «as cimeiras mundiais dos últimos anos sobre o meio ambiente não corresponderam às expectativas, porque não alcançaram, por falta de decisão política, acordos ambientais globais realmente significativos e eficazes» (166). E pergunta-se: «Para que se quer preservar hoje um poder que será recordado pela sua incapacidade de intervir quando era urgente e necessário fazê-lo?» (57). Servem, em vez disso, como os Pontífices repetiram várias vezes, a partir da *Pacem in terris*, formas e instrumentos eficazes de governança global (175): «precisamos de um acordo sobre os regimes de gestão para toda a gama dos chamados bens comuns globais» (174), já que «“a proteção ambiental não pode ser assegurada apenas com base no cálculo financeiro de custos e benefícios. O ambiente é um dos bens que os mecanismos de mercado não estão aptos a defender ou a promover adequadamente”» (190), retomando as palavras do Compêndio da Doutrina Social da Igreja.

Neste capítulo, o Papa Francisco insiste sempre no desenvolvimento de processos de decisão honestos e transparentes, para poder «discernir» que políticas e iniciativas empresariais poderão levar «a um desenvolvimento verdadeiramente integral» (185). Em particular, o estudo do impacto ambiental de um novo projeto «requer processos políticos transparentes e sujeitos a diálogo, enquanto a corrupção, que esconde o verdadeiro impacto ambiental de um projeto em troca de favores, frequentemente leva a acordos ambíguos que fogem ao dever de informar e a um debate profundo» (182).

Particularmente significativo é o apelo dirigido àqueles que detêm cargos políticos, para que se distanciem da lógica «eficientista e imediatista» (181) hoje dominante: «se ele tiver a coragem de o fazer, poderá novamente reconhecer a dignidade que Deus lhe deu como pessoa e deixará, depois da sua passagem por esta história, um testemunho de generosa responsabilidade» (181).

Sexto capítulo

EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE ECOLÓGICAS

O último capítulo vai ao cerne da conversão ecológica à qual a Encíclica convida. As raízes da crise cultural agem em profundidade e não é fácil reformular hábitos e comportamentos. A educação e a formação continuam a ser desafios centrais: «toda a mudança tem necessidade de motivações e de um caminho educativo» (15); estão envolvidos todos os ambientes educacionais, «a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese» (213).

O início é apostar «numa mudança nos estilos de vida» (203-208), que também abre à possibilidade de «exercer uma pressão salutar sobre quantos detêm o poder político, económico e social» (206). Isso é o que acontece quando as escolhas dos consumidores conseguem «a mudança do comportamento das empresas, forçando-as a reconsiderar o impacto ambiental e os modelos de produção» (206).

Não se pode subestimar a importância de percursos de educação ambiental capazes de incidir sobre gestos e hábitos quotidianos, da redução do consumo de água, à

diferenciação do lixo, até ao «apagar as luzes desnecessárias» (211): «Uma ecologia integral é feita também de simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo» (230). Tudo isto será mais fácil a partir de um olhar contemplativo que vem da fé: «O crente contempla o mundo, não como alguém que está fora dele, mas dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres. Além disso, a conversão ecológica, fazendo crescer as peculiares capacidades que Deus deu a cada crente, leva-o a desenvolver a sua criatividade e entusiasmo» (220).

Retorna à linha proposta na *Evangelii gaudium*: «A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora» (223), bem como «A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as muitas possibilidades que a vida oferece» (223); desta forma torna-se possível «voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos» (229).

Os santos acompanham-nos neste caminho. São Francisco, muitas vezes mencionado, é «o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria» (10), modelo de como «são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior» (10). Mas a Encíclica recorda também São Bento, Santa Teresa de Lisieux e o Beato Charles de Foucauld.

Após a *Laudato si'*, o exame de consciência, o instrumento que a Igreja sempre recomendou para orientar a própria vida à luz da relação com o Senhor, deverá incluir

uma nova dimensão, considerando não apenas como se vive a comunhão com Deus, com os outros, consigo mesmo, mas também com todas as criaturas e a natureza.

Secção Portuguesa da Rádio Vaticano

LOUVADO SEJAS

Carta Encíclica *Laudato Si'*

1. «*LAUDATO SI, mi' Signore* – Louvado sejas, meu Senhor», cantava São Francisco de Assis. Neste gracioso cântico, recordava-nos que a nossa casa comum se pode comparar, ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços: «Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras»¹.

2. Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que «geme e sofre as dores do parto» (*Rm* 8, 22). Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. *Gn* 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do Planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos. Nada deste mundo nos é indiferente.

3. Há mais de cinquenta anos, quando o mundo oscilava sobre o fio de uma crise nuclear, o papa São João XXIII

¹ *Cantico delle creature: Fonti Francescane*, p. 263.

escreveu uma encíclica na qual não se limitava a rejeitar a guerra, mas quis transmitir uma proposta de paz. Dirigiu a sua mensagem *Pacem in terris* a todo o mundo católico, mas acrescentava: e a todas as pessoas de boa vontade. Agora, à vista da deterioração global do ambiente, quero dirigir-me a cada pessoa que habita neste planeta. Na minha Exortação *Evangelii gaudium*, escrevi aos membros da Igreja, a fim de os mobilizar para um processo de reforma missionária ainda pendente. Nesta encíclica, pretendo especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum.

4. Oito anos depois da *Pacem in terris*, em 1971, o papa Beato Paulo VI referiu-se à problemática ecológica, apresentando-a como uma crise que é «consequência dramática» da atividade descontrolada do ser humano: «Por motivo de uma exploração inconsiderada da natureza, [o ser humano] começa a correr o risco de a destruir e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação»². E, dirigindo-se à FAO, falou da possibilidade de uma «catástrofe ecológica sob o efeito da explosão da civilização industrial», sublinhando a «necessidade urgente de uma mudança radical no comportamento da humanidade», porque «os progressos científicos mais extraordinários, as invenções técnicas mais assombrosas, o desenvolvimento económico mais prodigioso, se não estiverem unidos a um progresso social e moral, voltam-se necessariamente contra o homem»³.

² Carta Apostólica *Octogesima adveniens* (14 de maio de 1971), n. 21: AAS, 63 (1971), pp. 416-417.

³ *Discurso à FAO, no seu XXV aniversário* (16 de novembro de

5. São João Paulo II debruçou-se, com interesse sempre maior, sobre este tema. Na sua primeira encíclica, advertiu que o ser humano parece «não dar-se conta de outros significados do seu ambiente natural, para além daqueles que servem somente para os fins de um uso ou consumo imediatos»⁴. Mais tarde, convidou a uma *conversão* ecológica global⁵. Entretanto fazia notar o pouco empenho que se põe em «salvaguardar as condições morais de uma autêntica ecologia humana»⁶. A destruição do ambiente humano é um facto muito grave, porque, por um lado, Deus confiou o mundo ao ser humano e, por outro, a própria vida humana é um dom que deve ser protegido de várias formas de degradação. Toda a pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas «nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades»⁷. O progresso humano autêntico possui um carácter moral e pressupõe o pleno respeito pela pessoa humana, mas deve prestar atenção também ao mundo natural e «ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado»⁸.

1970), n. 4: AAS, 62 (1970), p. 833; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 22/XI/1970), p. 6.

⁴ Carta Encíclica *Redemptor hominis* (4 de março de 1979), n. 15: AAS, 71 (1979), p. 287.

⁵ Cf. *Catequese* (17 de janeiro de 2001), n. 4: *Insegnamenti* 24/1 (2001), p. 179; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 20/I/2001), p. 8.

⁶ Carta Encíclica *Centesimus annus* (1 de maio de 1991), n. 38: AAS, 83 (1991), p. 841.

⁷ *Ibid.*, n. 58: o.c., p. 863.

⁸ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Sollicitudo rei socialis* (30 de dezembro de 1987), n. 34: AAS, 80 (1988), p. 559.

Assim, a capacidade do ser humano de transformar a realidade deve desenvolver-se com base na doação originária das coisas por parte de Deus⁹.

6. O meu predecessor, Bento XVI, renovou o convite a «eliminar as causas estruturais das disfunções da economia mundial e corrigir os modelos de crescimento que parecem incapazes de garantir o respeito do meio ambiente»¹⁰. Lembrou que o mundo não pode ser analisado concentrando-se apenas sobre um dos seus aspetos, porque «o livro da natureza é uno e indivisível», incluindo, entre outras coisas, o ambiente, a vida, a sexualidade, a família, as relações sociais. É que «a degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que molda a convivência humana»¹¹. O papa Bento XVI propôs-nos reconhecer que o ambiente natural está cheio de chagas causadas pelo nosso comportamento irresponsável; o próprio ambiente social tem as suas chagas. Mas, fundamentalmente, todas elas se ficam a dever ao mesmo mal, isto é, à ideia de que não existem verdades indiscutíveis a guiar a nossa vida, pelo que a liberdade humana não tem limites. Esquece-se que «o homem não é apenas uma liberdade que se cria por si própria. O homem não se cria a si mesmo. Ele é espírito e vontade, mas é também natureza»¹². Com pa-

⁹ Cf. IDEM, Carta Encíclica *Centesimus annus* (1 de maio de 1991), n. 37: AAS, 83 (1991), p. 840.

¹⁰ *Discurso ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé* (8 de janeiro de 2007): AAS, 99 (2007), p. 73.

¹¹ Carta Encíclica *Caritas in veritate* (29 de junho de 2009), n. 51: AAS, 101 (2009), p. 687.

¹² *Discurso ao Bundestag*, Berlim (22 de setembro de 2011):

terna solicitude, convidou-nos a reconhecer que a criação resulta comprometida «onde nós mesmos somos a última instância, onde o conjunto é simplesmente nossa propriedade e onde o consumimos somente para nós mesmos. E o desperdício da criação começa onde já não reconhecemos qualquer instância acima de nós, mas vemos-nos unicamente a nós mesmos»¹³.

Unidos por uma preocupação comum

7. Estas contribuições dos Papas recolhem a reflexão de inúmeros cientistas, filósofos, teólogos e organizações sociais que enriqueceram o pensamento da Igreja sobre estas questões. Mas não podemos ignorar que, também fora da Igreja Católica, noutras Igrejas e Comunidades cristãs – bem como noutras religiões –, se tem desenvolvido uma profunda preocupação e uma reflexão valiosa sobre estes temas que todos tomamos a peito. Apenas para dar um exemplo particularmente significativo, quero retomar brevemente parte da contribuição do amado Patriarca Ecuménico Bartolomeu, com quem partilhamos a esperança da plena comunhão eclesial.

8. O patriarca Bartolomeu tem-se referido particularmente à necessidade de cada um se arrepende do próprio modo de maltratar o Planeta, porque «todos, na medi-

AAS, 103 (2011), p. 664; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 24/IX/2011), p. 5.

¹³ BENTO XVI, *Discurso ao clero da diocese de Bolzano-Bressanone* (6 de agosto de 2008): AAS, 100 (2008), p. 634; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 16/VIII/2008), p. 5.

da em que causamos pequenos danos ecológicos», somos chamados a reconhecer «a nossa contribuição – pequena ou grande – para a desfiguração e destruição do ambiente»¹⁴. Sobre este ponto, ele pronunciou-se repetidamente, de maneira firme e encorajadora, convidando-nos a reconhecer os pecados contra a criação: «Quando os seres humanos destroem a biodiversidade na criação de Deus; quando os seres humanos comprometem a integridade da Terra e contribuem para a mudança climática, desnudando a Terra das suas florestas naturais ou destruindo as suas zonas húmidas; quando os seres humanos contaminam as águas, o solo, o ar... tudo isso é pecado»¹⁵. Porque «um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus»¹⁶.

9. Ao mesmo tempo, Bartolomeu chamou a atenção para as raízes éticas e espirituais dos problemas ambientais, que nos convidam a encontrar soluções não só na técnica, mas também numa mudança do ser humano; caso contrário, estaríamos a enfrentar apenas os sintomas. Propôs-nos passar do consumo ao sacrifício, da avidez à generosidade, do desperdício à capacidade de partilha, numa ascese que «significa aprender a dar, e não simplesmente renunciar. É um modo de amar, de passar pouco a pouco do que eu quero àquilo de que o mundo de

¹⁴ *Mensagem para o Dia de Oração pela salvaguarda da criação* (1 de setembro de 2012).

¹⁵ *Discurso em Santa Bárbara*, Califórnia (8 de novembro de 1997); cf. JOHN CHRYSAVGIS, *On Earth as in Heaven: Ecological Vision and Initiatives of Ecumenical Patriarch Bartholomew* (Bronx/Nova Iorque, 2012).

¹⁶ *Ibidem*.

Deus precisa. É libertação do medo, da avidez, da dependência»¹⁷. Além disso, nós, cristãos, somos chamados a «aceitar o mundo como sacramento de comunhão, como forma de partilhar com Deus e com o próximo, numa escala global. É nossa humilde convicção que o divino e o humano se encontram no mais pequeno detalhe da túnica inconsútil da criação de Deus, mesmo no último grão de poeira do nosso planeta»¹⁸.

São Francisco de Assis

10. Não quero prosseguir esta encíclica sem invocar um modelo belo e motivador. Tomei o seu nome por guia e inspiração, no momento da minha eleição para Bispo de Roma. Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela

¹⁷ Conferência no Mosteiro de Utstein, Noruega (23 de junho de 2003).

¹⁸ BARTOLOMEU, Discurso *Global Responsibility and Ecological Sustainability: Closing Remarks*, I Cimeira de Halki, Istambul (20 de junho de 2012).

natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior.

11. O seu testemunho mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contacto com a essência do ser humano. Tal como acontece a uma pessoa quando se enamora por outra, a reação de Francisco, sempre que olhava o sol, a lua ou os minúsculos animais, era cantar, envolvendo no seu louvor todas as outras criaturas. Entrava em comunicação com toda a criação, chegando mesmo a pregar às flores, «convidando-as a louvar o Senhor, como se gozassem do dom da razão»¹⁹. A sua reação ultrapassava de longe uma mera avaliação intelectual ou um cálculo económico, porque, para ele, qualquer criatura era uma irmã, unida a ele por laços de carinho. Por isso, sentia-se chamado a cuidar de tudo o que existe. São Boaventura, seu discípulo, contava que ele, «enchendo-se da maior ternura ao considerar a origem comum de todas as coisas, dava a todas as criaturas – por mais desprezíveis que parecessem – o doce nome de irmãos e irmãs»²⁰. Esta convicção não pode ser desvalorizada como romantismo irracional, pois influi nas opções que determinam o nosso comportamento. Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e

¹⁹ TOMÁS DE CELANO, *Vita prima di San Francesco*, XXIX, 81: *Fonti Francescane*, p. 460.

²⁰ *Legenda Maior*, VIII, 6: *Fonti Francescane*, p. 1145.

da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude. A pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio.

12. Por outro lado, São Francisco, fiel à Sagrada Escritura, propõe-nos reconhecer a natureza como um livro esplêndido onde Deus nos fala e transmite algo da sua beleza e bondade: «Na grandeza e na beleza das criaturas contempla-se, por analogia, o seu Criador» (*Sb* 13, 5) e «o que é invisível n'Ele – o seu eterno poder e divindade – tornou-se visível à inteligência, desde a criação do mundo, nas suas obras» (*Rm* 1, 20). Por isso, Francisco pedia que, no convento, se deixasse sempre uma parte do horto por cultivar para aí crescerem as ervas silvestres, a fim de que, quem as admirasse, pudesse elevar o seu pensamento a Deus, autor de tanta beleza²¹. O mundo é algo mais do que um problema a resolver; é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor.

²¹ Cf. TOMÁS DE CELANO, *Vita seconda di San Francesco*, CXXIV, 165: *Fonti Francescane*, p. 750.

O meu apelo

13. O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum. Desejo agradecer, encorajar e manifestar apreço a quantos, nos mais variados setores da atividade humana, estão a trabalhar para garantir a proteção da casa que partilhamos. Uma especial gratidão é devida àqueles que lutam, com vigor, por resolver as dramáticas consequências da degradação ambiental na vida dos mais pobres do mundo. Os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos.

14. Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do Planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós. O movimento ecológico mundial já percorreu um longo e rico caminho, tendo gerado numerosas agregações de cidadãos que ajudaram na consciencialização. Infelizmente, muitos esforços na busca de soluções concretas para a crise ambiental acabam, com frequência, frustrados não só pela recusa dos poderosos, mas também pelo desinteresse

dos outros. As atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas. Precisamos de nova solidariedade universal. Como disseram os Bispos da África do Sul, «são necessários os talentos e o envolvimento *de todos* para reparar o dano causado pelos humanos sobre a criação de Deus»²². Todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades.

15. Espero que esta carta encíclica, que se insere no magistério social da Igreja, nos ajude a reconhecer a grandeza, a urgência e a beleza do desafio que temos pela frente. Em primeiro lugar, farei uma breve resenha dos vários aspetos da atual crise ecológica, com o objetivo de assumir os melhores frutos da pesquisa científica atualmente disponível, deixar-se tocar por ela em profundidade e dar uma base concreta ao percurso ético e espiritual seguido. A partir desta panorâmica, retomarei alguns argumentos que derivam da tradição judaico-cristã, a fim de dar maior coerência ao nosso compromisso com o meio ambiente. Depois procurarei chegar às raízes da situação atual, de modo a individuar não apenas os seus sintomas, mas também as causas mais profundas. Poderemos assim propor uma ecologia que, nas suas várias dimensões, integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade

²² CONFERÊNCIA DOS BISPOS CATÓLICOS DA ÁFRICA DO SUL, *Pastoral Statement on the Environmental Crisis* (5 de setembro de 1999).

que o rodeia. À luz desta reflexão, quereria dar mais um passo, verificando algumas das grandes linhas de diálogo e de ação que envolvem seja cada um de nós seja a política internacional. Finalmente, convencido – como estou – de que toda a mudança tem necessidade de motivações e de um caminho educativo, proporei algumas linhas de maturação humana inspiradas no tesouro da experiência espiritual cristã.

16. Embora cada capítulo tenha a sua temática própria e uma metodologia específica, o que se lhe segue retoma, por sua vez, a partir de uma nova perspectiva, questões importantes abordadas nos capítulos anteriores. Isto diz respeito especialmente a alguns eixos que atravessam toda a encíclica. Por exemplo: a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do Planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta de um novo estilo de vida. Estes temas nunca se dão por encerrados nem se abandonam, mas são constantemente retomados e enriquecidos.

ÍNDICE

<i>LAUDATO SI'</i> : UM «GUIA»	5
LOUVADO SEJAS – Carta Encíclica <i>Laudato Si'</i>	23
Introdução	25
<i>Unidos por uma preocupação comum</i>	29
<i>São Francisco de Assis</i>	31
<i>O meu apelo</i>	34
Capítulo I	
O QUE ESTÁ A ACONTECER À NOSSA CASA	37
1. Poluição e mudanças climáticas	38
<i>Poluição, resíduos e cultura do descarte</i>	38
<i>O clima como bem comum</i>	40
2. A questão da água	44
3. Perda de biodiversidade	46
4. Deterioração da qualidade de vida humana e degradação social	53
5. Desigualdade planetária	55
6. A fraqueza das reações	61
7. Diversidade de opiniões	65
Capítulo II	
O EVANGELHO DA CRIAÇÃO	67
1. A luz que a fé oferece	67
2. A sabedoria das narrações bíblicas	68
3. O mistério do universo	77

4. A mensagem de cada criatura na harmonia de toda a criação.....	82
5. Uma comunhão universal.....	86
6. O destino comum dos bens.....	89
7. O olhar de Jesus.....	92

Capítulo III

A RAIZ HUMANA DA CRISE ECOLÓGICA	95
1. A tecnologia: criatividade e poder.....	95
2. A globalização do paradigma tecnocrático	98
3. Crise do antropocentrismo moderno e suas consequências	105
4. O relativismo prático.....	109
<i>A necessidade de defender o trabalho</i>	<i>111</i>
<i>A inovação biológica a partir da pesquisa</i>	<i>115</i>

Capítulo IV

UMA ECOLOGIA INTEGRAL	121
1. Ecologia ambiental, económica e social	121
2. Ecologia cultural	125
3. Ecologia da vida quotidiana	128
4. O princípio do bem comum	133
5. A justiça intergeracional	135

Capítulo V

ALGUMAS LINHAS DE ORIENTAÇÃO E AÇÃO.....	139
1. O diálogo sobre o meio ambiente na política internacional	139
2. O diálogo para novas políticas nacionais e locais.....	147
3. Diálogo e transparência nos processos decisórios	151
4. Política e economia em diálogo para a plenitude humana	154
5. As religiões no diálogo com as ciências	162

Capítulo VI

EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE ECOLÓGICAS.....	165
1. Apontar para outro estilo de vida.....	165
2. Educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente	169
3. A conversão ecológica.....	173
4. Alegria e paz.....	177
5. Amor civil e político.....	181
6. Os sinais sacramentais e o descanso celebrativo.....	183
7. A Trindade e a relação entre as criaturas.....	188
8. A Rainha de toda a criação	190
9. Para além do sol	191
<i>Oração pela nossa terra</i>	192
<i>Oração cristã com a criação</i>	193
 <i>Índice</i>	 197